

Dupla:

- Maria Luiza Menezes Vieira
- Ullayne Fernandes Farias de Lima

### **A influência das redes sociais nas eleições presidenciais americanas de 2016**

As eleições americanas de 2016 foram palco de dois grandes escândalos envolvendo redes sociais e privacidade de dados. O primeiro envolve Cambridge Analytica (CA) que se deu quando a empresa, focada em análise de dados para fins políticos, e associada ao Strategic Communication Laboratories (SCL) usou dados obtidos por Aleksandr Kogan, professor da Universidade de Cambridge, através do Facebook para persuadir os americanos a votar em Donald Trump nas eleições de 2016.

Kogan criou um teste conectado ao Facebook chamado *thisisyourdigitallife* e através dele coletou dados de mais de 270 mil americanos que o responderam e dos amigos desses usuários sem consentimento. Isso era possível porque o Facebook possuía uma regra que permitia coleta de dados de terceiros, porém a companhia já alterou suas políticas de uso para prevenir esse tipo de escândalo novamente.

Em março de 2018, o Facebook suspendeu a SCL alegando que Kogan violou as políticas do site ao repassar dados obtidos pelo ao Facebook para a CA, enquanto os termos da plataforma proíbem desenvolvedores de ceder qualquer dado que receberem através dela para redes de publicidade.

É importante notar que não existem evidências de que a eleição de 2016 foi afetada pela CA, porém o fato de um acadêmico ter utilizado dados coletados para pesquisa para fins comerciais pode ter consequências prejudiciais para os pesquisadores, pois companhias e usuários se tornam cada vez mais relutantes em ceder dados para aqueles que usam as redes sociais para seus estudos.

Essa eleição voltou a ser assunto em 2018 quando 13 russos nacionalistas foram presos acusados de interferir nas eleições americanas de 2016. Eles trabalhavam para uma “fábrica de trolls”, chamada Internet Research Agency (IRA). A IRA, com base em São Petersburgo começou, em 2014, a semear discórdia na política dos EUA através de redes sociais usando contas mascaradas como cidadãos americanos.

Pesquisadores de Clemson analisaram cerca de 3 milhões de tweets do ano de 2017 de cerca de 3800 contas ligadas a IRA usando métodos exploratórios e sequenciais, aplicando análise quantitativa e depois qualitativa para analisar o comportamento. Foram analisadas hashtags, referências e os candidatos que apoiavam, além do próprio nome de usuário que também diz muito sobre a conta. Como resultado, as contas foram separadas em 5 grupos:

- Troll de direita: transmitem mensagens populistas, nativistas e de direita, apoiando a candidatura de Trump.
- Troll de esquerda: transmitem mensagens sócio-liberais com foco na identidade cultural. Imitam ativistas do #BlackLivesMatter, tentando dividir os partidos democráticos, além de atacar diretamente a candidatura de Hillary Clinton
- News Feed: se apresentam como perfis de notícias locais e tuitavam sobre problemas de interesse local e os links das notícias eram de uma agência síria aliada da Rússia
- Hashtag Gamer: participantes de jogos de hashtags, relacionados com comentários de trolls de diretas ou de esquerda.
- Fearmonger: considerados como uma fábrica de notícias para semear medo.

As contas possuíam diferentes movimentações, eg, fearmonger tinha atividades mais discretas, enquanto os trolls de direita e de esquerda eram bastante ativos. Além da distribuição das atividades, buscavam impactar momentos políticos importantes como o último debate presidencial, onde os hashtags games focaram seus tweets para o evento.

Suas atividades foram analisadas e foi possível identificar dois picos. O primeiro, em 6 de outubro de 2016, quando houve uma grande quantidade de atividades do grupo no twitter. No dia seguinte, a WikiLeaks vazou e-mails embaraçosos da campanha de Hillary Clinton, e acredita-se que haja possível envolvimento do grupo. A análise feita pelos pesquisadores mostra que a IRA usou diferentes grupos para atingir diversas segmentações do eleitorado americano.

Vale frisar que os pesquisadores perceberam que existiram mais tweets no ano seguinte à eleição do que no eleitoral, mostrando que os Trolls russos são, na verdade, uma tentativa de intervenção contínua da política americana e não apenas naquela eleição, um exemplo disso é um outro grande pico de atividades dos Trolls de direita imitando eleitores de Trump, no verão americano de 2017.

Analisar esse tipo de tweet é, na verdade, um ponto de segurança mundial. Segundo Alina Polyakova, aluna de política externa da Brookings Institution, “Limpar o conteúdo não elimina o dano causado e nos impede de aprender como estar preparados para ataques no futuro”.